

Trabalho & Imprensa: as celebrações do Primeiro de Maio na imprensa manauara (1890-1930)

Richard Kennedy Nascimento Candido¹

Nosso objetivo com a atual pesquisa foi mostrar como as celebrações do 1º de Maio apareceram nos periódicos da cidade de Manaus dentro de nossa temporalidade e analisar as nuances da classe trabalhadora acerca deste acontecimento, levando em conta a dualidade “festa x protesto” muito presente nas comemorações. O Primeiro de Maio é um dos fenômenos mais importantes e interessantes da História do Trabalho, pois nos mostrou o quão organizados eram os trabalhadores. Suas lutas e angústias eram externadas durante o movimento que, em seu nascimento, foi pensado para ser o primeiro grande rito operário internacional.

Palavras-chave: Primeiro de Maio; Amazonas; Imprensa.

O movimento do Primeiro de Maio teve início na França em 1890, tendo sido criado pela corrente marxista dos *guesdistas*, um grupo político bastante destacado naquele país. Por detrás dessas manifestações existe toda uma problematização e o envolvimento de diversos fatores, como descreveu Michelle Perrot.

Essa manifestação não foi criada em qualquer momento ou de qualquer maneira. Foi precedida por proposições e experiências que, sob certos aspectos, ela cristaliza; assim é o caso da rica experiência americana com a qual, nessa época, o movimento operário se declara amplamente solidário. E não só. Mas ainda, de modo mais indireto, ela se enraíza na combatividade do maio operário, mês recordista de greves, e talvez, a mais longo prazo, na tradição de primavera dos maios aldeões. Maio carrega toda uma simbologia que é preciso saber se e como foi levada em conta, a que nível de consciência ou do inconsciente coletivo².

1 Graduando em História pela Universidade Federal do Amazonas. Email: richard_lp13@hotmail.com

2 PERROT, Michelle. “O Primeiro de Maio na França (1890): o nascimento de um rito operário”. IN: PERROT, Michelle. *Os Excluídos da História: operários, mulheres, prisioneiros*. 2º Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992, p. 128.



A Segunda Internacional foi a principal responsável pela criação da data alusiva às conquistas dos trabalhadores em 1889. Um dos militantes chamado Raymond Lavigne preparou uma moção que seria demasiado importante na escolha consciente da data e nos significados representativos da mesma³.

Será organizada uma grande manifestação internacional com data fixa, de modo que, em todos os países e em todas as cidades ao mesmo tempo, no mesmo dia marcado, os trabalhadores intimem os poderes públicos a reduzir legalmente a jornada de trabalho a oito horas e a aplicar as outras resoluções do Congresso Internacional de Paris. Considerando que uma manifestação semelhante já foi decidida para o Primeiro de Maio de 1890 pela American Federation of Labour, em seu Congresso de dezembro de 1888, realizado em Saint-Louis, adota-se esta data para a manifestação⁴.

Ao analisar este discurso, percebemos que os trabalhadores tomaram consciência da forma de como agir para chamar atenção necessária para sua causa, num momento em que os processos de conscientização e organização operária vinham avançando sensivelmente em escala internacional⁵. Michelle Perrot nos mostra que o objetivo dos trabalhadores com a criação do Primeiro de Maio era “dar à classe operária consciência de si mesma através da realização de gestos idênticos num amplo espaço e de impressionar a opinião pública com tal espetáculo⁶”.

Os trabalhadores direcionavam muitas de suas ações e lutas contra o patronato, segmento que era mais diretamente tido como responsável pela precária situação social dos operários, consolidando assim a presença de um dos mais importantes movimentos sociais da contemporaneidade⁷. Outro alvo para onde os trabalhadores também passaram a dirigir prioritariamente suas reivindicações foi para a instância maior da sociedade: o Estado. Passeatas, comícios e outras formas de

3 PERROT, Michelle. “O Primeiro de Maio na França (1890): o nascimento de um rito operário”. IN: PERROT, Michelle. *Os Excluídos da História: operários, mulheres, prisioneiros*. 2º Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992, p. 129.

4 PERROT, Michelle. “O Primeiro de Maio na França (1890): o nascimento de um rito operário”. IN: PERROT, Michelle. *Os Excluídos da História: operários, mulheres, prisioneiros*. 2º Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992, p. 129 e 130.

5 HOBBSAWN, Eric. *Mundos do Trabalho: novos estudos sobre história operária*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

6 PERROT, Michelle. “O Primeiro de Maio na França (1890): o nascimento de um rito operário”. IN: PERROT, Michelle. *Os Excluídos da História: operários, mulheres, prisioneiros*. 2º Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992, p. 130.

7 GOHN, Maria da Glória. *Teoria dos Movimentos Sociais*. São Paulo: Loyola, 1997, p. 171.



mobilização operárias foram produzidas e ganharam destaque no cotidiano das grandes cidades, chamando a atenção da sociedade para a situação e a causa operária. Essas manifestações buscavam também pressionar o Estado a intervir em favor dos trabalhadores, em especial em algumas de suas lutas históricas, como a luta pela jornada diária de trabalho de 8 horas, dentre outras propostas para melhoria da classe operária.

A luta pelas 8 horas diárias foi o que moveu as primeiras datas que marcaram as lutas dessa classe social, ainda no século XIX e início do século XX. Com efeito, em muitos casos, a jornada chegava a ser de 17 horas por dia, não existindo condições de trabalhos adequadas a gênero ou faixa etária, assim como outros direitos fundamentais na atual configuração da legislação trabalhista: férias, descanso semanal e muito menos aposentadoria. Essa era uma situação dramática que se arrastava desde os primórdios da Revolução Industrial e que logo cedo chamou a atenção do pensamento social, que passou a denunciá-la⁸. Muitos desses operários sacrificavam-se nas indústrias, mesmo doentes para não perder o emprego, apesar da exploração, era fonte que sustentava toda a família. Não havia nenhuma legislação protetiva, tendo esta surgida, muito lentamente, a partir de 1917, em clara relação com a luta operária⁹.

Ainda nessas discussões sobre a definição da data da maior manifestação operária, os franceses optaram por não escolher datas próximas da realidade deles, pois acabaria desviando o caráter universal do movimento, então acabaram recorrendo a uma data lembrada pelos operários americanos e, desta forma, escolheram o 1º de Maio para ser o dia tão esperado pela classe, pois era carregado de simbologia¹⁰. Em 1886 houve uma greve operária na cidade de Chicago onde os trabalhadores fizeram no 1º de Maio uma grande manifestação, saindo de lá a escolha por esta data.

No Brasil essa data passou a ser realizada a partir de 1891, ou seja, um ano após sua primeira edição na França. Muito embora, os estudos sobre a história do Primeiro de Maio não sejam tão difundidos, contudo, podemos destacar o trabalho da historiadora Silvia Petersen que escreve sobre as origens desse mito no Brasil, nos

8 ENGELS, Frederick. *A Situação da Classe Trabalhadora na Inglaterra*. São Paulo: Global, 1985.

9 GOMES, Angêla de Castro. *Cidadania e Direitos do Trabalho*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.

10 PERROT, Michelle. "O Primeiro de Maio na França (1890): o nascimento de um rito operário". IN: PERROT, Michelle. *Os Excluídos da História: operários, mulheres, prisioneiros*. 2º Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992, p. 130.



mostrando que no ano de 1891 não houve notas em jornais que falassem de alguma comemoração realizada neste dia e que tão somente, no ano seguinte é que surgem nos principais periódicos distribuídos nas grandes cidades brasileiras notas sobre as manifestações¹¹.

Também merece relevância a dissertação de mestrado de Luciana Arêas que mapeia durante os 40 anos da Primeira República no estado do Rio de Janeiro as comemorações do 1º de Maio nos jornais. Ela também apresenta algumas interpretações acerca da data feitas pelos operários e do teor político que ela tinha. Um ponto de importância em sua análise é a grande presença de uma consciência de classe operária que se apresenta de *“forma mais intensa e clara, e que fazia uma das ocasiões mais importantes para afirmação da classe”*¹².

Em Manaus não temos trabalhos específicos voltados para o 1º de Maio, mas podemos encontrar escritos em artigos que remetem a esse dia. Em sua maioria a data era encarada como um conjunto de práticas das associações e sindicatos que remetiam para o Grande Dia.

Os jornais manauaras em debate

Por se tratar de um espaço pequeno para mostrar os resultados da pesquisa que durou dois anos, optamos por selecionar alguns acontecimentos que julgamos mais interessantes. Os jornais trabalhados foram escolhidos por conta da existência de números digitalizados ou microfilmados, tendo em vista que eram, em sua grande maioria, títulos efêmeros e nos dias de hoje pouco preservados.

Nos jornais que circularam durante a Primeira República em Manaus conseguimos observar diversas formas de manifestações que remetiam ao grande dia do operariado mundial. Desde pequenas notas nos jornais, até jornais inteiros feitos para sujar a imagem de uma pessoa, além de matérias criticando aqueles trabalhadores que costumavam festejar a manifestarem-se pelos direitos da classe durante o Primeiro de Maio.

Esse, que por sinal, era um dos grandes debates no seio operário. Festejar ou protestar no Primeiro de Maio? Nos diversos jornais analisados percebemos essa

11 PETERSEN, Sílvia Regina Ferraz. *Origens do 1º de Maio no Brasil*. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS/MEC, 1981, p. 27.

12 ARÊAS, Luciana Barbosa. “As Comemorações do Primeiro de Maio no Rio de Janeiro (1890-1930)”. *História Social, IFHC/UNICAMP*, nº 4/5, 1997/1998, p. 25.



dualidade na qual pesava bastante contra os trabalhadores que festejavam. Jornais operários mais doutrinários eram os principais a criticar esse comportamento, como por exemplo, o jornal “*A Lucta Social*” que na maioria de suas notas criticava esses operários.

Logo nos primeiros anos em que essa data passou a ser realizada em Manaus e no Brasil, foi possível vermos através das falas dos editores dos jornais o que a classe operária esperava do Primeiro de Maio. O jornal *Gutenberg*, que se auto intitulava como órgão do Partido Operário, na nota chamada “*Avante, Avante!*” discorre que o Primeiro de Maio seria o início de uma grande revolução social e o prelúdio de uma consciência popular, antes esquecida pelo próprio povo¹³. Fica claro que não só os militantes que atuavam nas fábricas, mas também aqueles que estavam por detrás de veículos de comunicação, como os jornais, pensavam a data com um propósito diferente e assim, como no caso dos franceses, acreditavam em uma evolução natural para uma greve geral.

O ano de 1892 também ficou marcado pelas primeiras vitórias dos trabalhadores. Na edição de maio daquele ano foi noticiado também pelo jornal *Gutenberg* a abertura de uma escola para operários. Não se tratava, portanto, de uma escola comum, mas sim de um centro de ensino noturno para trabalhadores que não tinham outro horário para estudar. Vale destacar que a classe nesse período era pouco letrada, o que trazia um motivo a mais para comemorar esse feito. Podemos ver na nota a seguir esse exemplo: “Em comemoração do grandioso dia 1º de Maio que é festejado em todo o globo pelos artistas inaugurar-se-ha a Escola Noturna do Partido Operario, na casa de residencia do sr professor – Exaltação; à praça 5 de setembro n. 4¹⁴”.

Por consequência, a escola traria novos leitores não só para os jornais operários, mas também para panfletos das associações e sindicatos que constavam diversas informações pertinentes ao dia-a-dia operário. Inaugurar a escola no Primeiro de Maio não foi uma escolha aleatória, visto que, era uma luta que durava anos e nada melhor que usar “*o grande dia*” para externar essas emoções que estavam no cerne das questões relativas ao trabalho e a classe operária. Foi um grande presente que os operários se deram.

13 Jornal *Gutenberg*. Manaus, 1 de Julho de 1892.

14 Jornal *Gutenberg*. Manaus, 1 de Julho de 1892.



Na edição do *Jornal do Comércio*, jornal da grande imprensa, de 1º de maio de 1904 vemos uma nota chamada de “1º de Maio” onde os trabalhadores almejavam, em cada uma das linhas da matéria, um futuro melhor para a classe, era uma situação que estava presente também nos jornais operários e de forma mais constante. Observamos também a forma com que os trabalhadores enxergavam a exploração pela qual eles passavam “A alma do operário que o capital martyrisa, depois de consumir as forças vitais de seu corpo serve, como um doce regenerador [...] sonha que um justiceiro futuro lhe predestine a prole a tranquilidade segura de um viver melhor¹⁵”.

Na edição de 1904 do mesmo jornal também encontramos uma espécie de coluna interativa entre os editores e o público em geral, mais especificamente entre a classe trabalhadora. A coluna se chamava “*Comnluna Operaria*” e teve grande importância nas difusões dos pensamentos operários e de troca de ideias entre a classe trabalhadora e o corpo editorial do jornal. Não conseguimos precisar por quanto tempo essa coluna se manteve no jornal.

Era divulgado na maioria dos jornais como os trabalhadores se organizavam na comemoração. Na nota a seguir percebemos por meio do editor, o que, geralmente, ocorria no dia 1º de Maio em Manaus. Podemos observar que a data já conseguia ganhar bastante eco, tanto no seio operário, quanto no público em geral.

Intensa commoção sacode e perturba no dia de hoje, todas as classes laboriosas: é a festa do Trabalho, imponente, luminosa e, neste momento, realizada, em toda parte onde vivem e frutificam as associações operarias. O discurso cedente e estrondoso echôs, no dia de hoje, pelos ambitos sonoros dos salões onde funciona solememente as magnas sessões commetivas, vivas e urrhs do fundo d’alma arrancadas repercutem bem longe a alegria, a indignação sinceras e profundas que reinam na alma do trabalhador industrial...¹⁶

Na edição de 3 de maio de 1905 encontramos uma coluna chamada de “*telegramas*”, nela vemos uma nota sobre um desfile de homens na capital do país com cerca de vinte mil pessoas para homenagear o 1º de Maio, isso acaba nos mostrando uma forma de intercâmbio entre os diversos jornais brasileiros, nos

¹⁵ *Jornal do Comércio*. Manaus, 1º de Maio de 1904.

¹⁶ *Jornal do Comércio*. Manaus, 1º de Maio de 1905.



fazendo acreditar que notícias de outras localidades poderiam ganhar as páginas dos jornais locais e o contrário também poderia acontecer.

No ano de 1910, o jornal do Comércio fez uma definição do que seria “comemorado” naquele dia: “o operariado comemora hoje, por entre o jubilo expansivo de suas almas affeitar aos dissabores e às intemperies do destino, a grande data de sua confraterização universal¹⁷”. Os trabalhadores nunca se esqueceram dos momentos ruins do passado, por isso é comum encontrarmos notas desse tipo nos jornais.

O ano de 1914 foi de grandes manifestações e protestos por parte dos operários. Surge mais um motivo em meio a outros já existentes que enfatizavam cada vez mais essas lutas: uma crise econômica do operariado. Era um momento pela qual a classe passava por situação bem crítica devido o não pagamento em alguns setores. Essa notícia é veiculada através do jornal *A Lucta Social* de 1º de maio de 1914 e entra como mais uma forma de legitimar os protestos ocorridos durante o *Grande Dia*. Na nota podemos ver que a própria classe dos gráficos estava sendo prejudicada pelos atrasos nos salários, o que poderia atrapalhar também a produção jornalística, principalmente no que tange os jornais oficiais¹⁸.

O mesmo jornal nos mostra um evento que contou com participação de estudantes que se avolumaram junto aos operários para mostrar para as futuras gerações o lema de *Amor e Trabalho* por eles pregado. Esse acontecimento foi marcante pelo grau de organização. Percebemos que a fala de operários e estudantes estava marcada para ocorrer em determinados locais. Foi um ato de grande relevância e que percorreu as ruas do centro da cidade como a Avenida Eduardo Ribeiro, que era o local do grande comércio, e a Rua da Instalação, onde havia uma fábrica de roupas com suas operárias que no ano anterior, haviam protagonizado a primeira greve feminina da cidade de Manaus.

(...) terminando este os manifestantes encaminhavam-se pela avenida Eduardo Ribeiro, dando entuziasticos vivas ao operariado livre, aos estudantes, e abaixo os tiranos sintetizados nos governos e estes carâterizados no Estado salvaguarda da burguesia infrene¹⁹.

¹⁷ *Jornal do Comércio*. Manaus, 1º de Maio de 1910.

¹⁸ *Jornal A Lucta Social*. Manaus, 1º de Maio de 1914.

¹⁹ *Jornal A Lucta Social*. Manaus, 1º de Julho de 1914.



Como podemos observar nesse trecho do jornal, é perceptível que palavras de ordem eram proferidas em algumas manifestações. Porém, o jornal nos mostra ainda, o seu perfil ideológico, demonstrando um transparente ideário anarquista, que ia de maneira contundente contra os interesses do Estado, chamando este de tirano.

Em 1920 o jornal *Vida Operária* mostrou uma passeata que foi até o Cemitério São João Batista para prestar homenagens àqueles operários que se foram. Na sequência, ocorreu um “*cortejo civico*” que percorreu as principais ruas do centro da cidade e ao passo que foi ganhando as vias, alguns oradores eram escolhidos para falar sobre a situação da classe para aqueles que, ao longo do caminho, estavam ouvindo, seja na sacada de suas casas ou em frente às lojas.

Conforme noticiamos em nosso numero passado a Associação das Quatro Artes, irá hoje pelas sete horas, até necropole de S. João, prestar homenagem aos nossos irmaos que alli dormem o sonno eterno. (...)

A tarde, as 15 horas, em ponto, sahirá da séde da União Operaria Nacional, sita à rua Xavier de Mendonça, o “Grande Cortejo”, promovido pelas sociedades operarias Manauenses, em commemoração da confraternisação do mundo operario (...) ²⁰.

No mundo todo o Primeiro de Maio ganhou diversas significações no que concerne as formas de se expressar na data e em Manaus não seria diferente. Podemos observar uma dualidade entre os operários não muito particular do nosso estado, a questão “dia de festa” e “dia de luta” que ganha mais força quando os jornais de cunho operário começam a tecer comentários difamando aqueles trabalhadores que festejavam ou descansavam ao invés de protestar por melhores condições de trabalho para a classe. Devemos destacar que nem todos os trabalhadores tinham consciência de que faziam parte de uma forma de organização bastante complexa e ampla, o que pode justificar esta atitude em alguns operários.

O *Jornal do Comércio do Amazonas*, por ser da grande imprensa, nos apresenta uma data mais festiva e a encara com um teor contrário aos protestos. Já os jornais da imprensa operária sofrem algumas subdivisões onde alguns títulos com ideologias mais fortes incorporam no discurso as greves e protestos em prol de dias melhores para os trabalhadores. Também encontramos aqueles jornais operários com claro apoio patronal e que também proclamam um 1º de Maio mais festivo.

20 *Jornal Vida Operaria*. Manaus, 1º de Maio de 1920.



Conclusão

A mudança de significação da data conforme os anos iam passando mostra a clara força que o movimento possuía. O Estado, juntamente com o patronato, queria desmobilizar esses protestos, era a forma de trazer os operários para o bojo do patrão e uma maior desmobilização daqueles que queriam manifestar ao invés de festejar.

Diferentemente do que se via nos jornais operários, falas encorajando os trabalhadores a ir em busca de seus direitos por meio do protesto, o *Jornal do Comércio* se omite em noticiar essas movimentações. A palavra usada é festejo e não mais protesto. Durante esses 30 anos de jornais analisados, observamos o silenciamento da grande imprensa, ano após ano, para a causa operária.

Isso se agrava com o decreto de feriado a partir de 1925. É pelas manchetes lúdicas sobre campeonatos de futebol em alusão aos operários que esse discurso se perpetua e ganha mais força entre a sociedade. Devemos tomar cuidado com o lugar de fala desse jornal e para quem ele fala e só então perceberemos essas problemáticas.

Portanto, "*trabalhadores do mundo, uni-vos*!"

Referência Bibliográfica

ARÊAS, Luciana Barbosa. "As Comemorações do Primeiro de Maio no Rio de Janeiro (1890-1930)". *História Social*, IFHC/UNICAMP, n. 4/5, 1997/1998, p. 9-28.

BARBOSA, Marivalda. *História Cultural da Imprensa*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2010.

BATALHA, Cláudio Henrique de Moraes. "A Historiografia da Classe Operária no Brasil: trajetórias e tendências". In: FREITAS, Marco Cezar de (Org). *Historiografia Brasileira em Perspectiva*. São Paulo: Contexto, 1998, p. 145-158.

BATALHA, Cláudio Henrique de Moraes; SILVA, Fernando Teixeira da; FORTES, Alexandre (Orgs). *Cultura de Classes*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2004.

BURKE, Peter (Org). *A Escrita da História: novas perspectivas*. São Paulo: Editora da UNESP, 1992.



CAPELATO, Maria Helena Rolim. *Imprensa e História no Brasil*. São Paulo: Contexto/Edusp, 1988.

ENGELS, Frederich. *A Situação da Classe Trabalhadora na Inglaterra*. São Paulo: Global, 1985.

FREIRE, José Ribamar Bessa (Org). *Cem Anos de Imprensa no Amazonas (1851-1950)*. Catálogo de Jornais. Manaus, Editora Calderaro. 1990.

GIANOTTI, Vitto. *História das Lutas dos Trabalhadores no Brasil*. Mauad, 2007.

GOHN, Maria da Glória. *Teoria dos Movimentos Sociais*. São Paulo: Loyola, 1997.

GOMES, Angêla de Castro. *Cidadania e Direitos do Trabalho*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.

HARDMAN, Francisco Foot; LEONARDI, Vito. *História da Indústria e do Trabalho no Brasil: das origens aos anos 20*. 2º ed. São Paulo: Ática, 1991.

HOBSBAWN, Eric. *Os Trabalhadores: estudos sobre a história do operariado*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

HOBSBAWN, Eric. *Mundos do Trabalho: novos estudos sobre história operária*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Campinas: Editora da Unicamp, 1992.

LUCA, Tânia Regina de. "História dos, nos e por meio dos periódicos". IN: PINSKY, Carla Bassanezi (Org). *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2005.

MALERBA, Jurandir (Org). *Lições de História: o caminho da ciência o longo século XIX*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.

PERROT, Michele. "O Primeiro de Maio na França (1890): o nascimento de um rito operário". In: PERROT, Michelle. *Os Excluídos da História: operários, mulheres, prisioneiros*. 2º ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992, p. 127-164.

PETERSEN, Silvia Regina Ferraz. *Cruzando Fronteiras: as pesquisas regionais e a história operária brasileira*. Anos 90. Porto Alegre, nº3, jun. 1995.

PETERSEN, Silvia Regina Ferraz. *Origens do 1º de Maio no Brasil*. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS – MEC, 1981.



PINHEIRO, Luís Balkar Sá Peixoto. “Na Contramão da História: mundos do trabalho na cidade da borracha”. *Canoa do Tempo*, v. 1, n° 1, 2007, p. 11-32.

PINHEIRO, Luís Balkar Sá Peixoto; PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte (Orgs). *Imprensa Operária no Amazonas*. Vol. 1. Transcrições e fac-similares. Manaus: EDUA, 2004.

RODRIGUES, Edgar. *Aurora Operária: os congressos operários no Brasil*. Rio de Janeiro: Mundo Livre, 1979.

TELES, Luciano Evertor Costa. “Imprensa e Mundos do Trabalho: a singularidade da imprensa operária no Amazonas (1890-1920)”. *Revista Mundos do Trabalho*, v.3, n°5, p. 186-212, 20112.

THOMPSON, Edward Palmer. *A Formação da Classe Operária Inglesa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

THOMPSON, Edward Palmer. *As Peculiaridades dos Ingleses e Outros Artigos*. Campinas: Editora da Unicamp, 2001.

ZICMAN, René Barata. “História Através da Imprensa: algumas considerações metodológicas”. *Projeto História*, n° 4. São Paulo, Educ, 1985, p. 89-102.

